

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

ÉDINA TOMAZINI



MULHER: FACES DA MESMA HISTÓRIA

ITAJAÍ
2016

ÉDINA TOMAZINI

MULHER: FACES DA MESMA HISTÓRIA

Trabalho de Conclusão do Curso de Pós-Graduação em nível de Especialização em Gênero e Diversidade na Escola, do Setor Litoral da Universidade Federal do Paraná, apresentado como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Gênero e Diversidade na Escola.

Orientadora: Nadia Terezinha Covolan

ITAJAÍ
2016

MULHER: FACES DA MESMA HISTÓRIA

Édina Tomazini

Professora na E. E. B. João Goulart (edinaadriisa@gmail.com)
Graduada na Universidade do Oeste do Estado de Santa Catarina UNOESC

Nadia Terezinha Covolan

Dra. em Ciências Humanas. Docente UFPR setor litoral (nadiathe@gmail.com)

RESUMO

Este trabalho visa investigar e discutir sobre as dificuldades que as mulheres enfrentam diariamente nas questões tanto pessoais quanto profissionais. Com o objetivo de compreender os fatores que influenciam para a desvalorização da inserção feminina no campo profissional, o qual desde cedo teve como protagonista os homens. Para atingir os objetivos, enfocou-se a representação da mulher a partir do olhar masculino. Foram entrevistados cinco homens, residentes na cidade de Camboriú, com perguntas semiestruturadas sobre a situação da mulher no tempo/espaço. A partir de entrevistas, argumenta-se que novas medidas e atitudes devem ser tomadas para que o nosso país consiga se desenvolver nos variados campos relacionados ao feminino, oferecendo com isso, maiores oportunidades para a mulher poder mostrar sua capacidade. Observa-se que a valorização feminina é um dos melhores e efetivos caminhos para que novas leis possam ser criadas para garantir melhor qualidade de vida às mulheres e por consequência à toda sociedade.

Palavras-chave: gênero, empoderamento, igualdade

ABSTRACT

This work aims to investigate and discuss the difficulties that women face daily in both personal and professional issues. In order to understand the factors that influence the devaluation of women's insertion in the professional field, which early on had as protagonist men. To achieve the goals, focused on the representation of women from the male gaze. They interviewed five men living in the city of Camboriú, with semi-structured questions about the situation of women in the time / space. From interviews, it is argued that new measures and actions should be taken so that our country can develop in various fields related to women, offering with it greater opportunities for women can show their ability. It is observed that female enhancement is one of the best and effective ways so that new laws can be created to ensure better quality of life for women and consequently to the whole society.

Key words: gender, empowerment, equality

INTRODUÇÃO

Na atualidade, a pressão sobre ser mulher aumentou consideravelmente. Todos os anseios por melhor qualidade de vida para si e para sua prole trouxeram à mulher uma série de fatores que antes não existiam.

Da metade do século XIX até depois da Primeira Guerra Mundial a mulher de classe média, deu início a uma nova fase na vida, já que começou a dividir o seu tempo, ou seja, além de trabalhar fora de casa, dividindo a responsabilidade de sustentar o lar, ou por muitas vezes, sustentando o lar sozinha também continuava a manter a ordem da sua casa e a educação dos pequenos, já que a visão de pai era somente a de quem deveria prover o sustento da casa.

Após a década de 80 houve uma explosão de mulheres no mercado de trabalho, em distintos cargos e todas com defasagem quanto a remuneração em relação ao mesmo trabalho realizado por homens, para justificar as pesquisas referentes ao assunto enfocava-se nível de escolaridade, jornada de trabalho, entre outros, distanciando a igualdade entre os gêneros. Porém, a persistência de menores rendimentos para as mulheres, como mostram esses estudos, indica a existência de discriminação em função do gênero no mercado de trabalho (Bruschini, 2000; Bruschini; Lombardi, 2001/2002; Ikeda, 2000).

Para Scott: "(...) o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos e o gênero é um primeiro modo de dar significado às relações de poder" (1990, p. 14).

Na busca de melhores salários e valorização, a mulher investe em qualificação profissional. Como afirmam OLIVEIRA e PEREIRA (1997), a mulher deixou de ser esposa e mãe somente, para ser, também, operária, enfermeira, professora, e com o passar do tempo, arquiteta, juíza, motorista de ônibus e outras.

No entanto, em muitos casos, ainda se nota que apesar da entrada das mulheres no mercado de trabalho nos considerados "setores produtivos", o valor de sua atuação continua atrelado ao universo hierarquicamente subalternizado da reprodução no mundo doméstico. Seu trabalho e sua identidade como trabalhadoras continuam a ser de mulheres que, de certa forma, "não deveriam estar ali", pois seu

lugar permanece referido ao da casa, ao da maternidade e ao do cuidar dos outros (Brito; Oliveira, 1997).

Com essa nova identidade da mulher, muitos homens estão começando a assumir uma nova identidade, ou seja, estão começando a perceber que os afazeres domésticos também são funções da sua alçada, do seu interesse, e competência. Como afirma Welzer-Lang (2001), em parte a dominação [masculina] perdura, mas preferencialmente ela se pulveriza e perde sua acuidade opressiva. Ao mesmo tempo, as concepções de gênero masculino se modificam, integram outros conteúdos, outros valores. Esse novo homem e novo pai tem se mostrado de fundamental importância ao lado dessa nova mulher [que por muitas vezes está pensando em abrir mão da maternidade para conseguir maior sucesso profissional.

Autores afirmam que “a mudança de hábitos não acompanha o ritmo da transformação dos valores” (Gomes e Resende, 2004, p. 120) e, por isso, podemos observar que, não apenas a identidade feminina, mas também a masculina, transitam, no momento atual, por modelos tradicionais e modernos, sem que um necessariamente exclua o outro.

Segundo pesquisas do IBGE 2012, a maioria da população do país é feminina, surge então a indagação de o porquê da sua fraca aparição na questão política, quais as dificuldades que elas enfrentam e quais medidas foram tomadas para reverter este quadro presente e frequente em nosso país.

Em 29 de setembro de 1995, após a conferência de Beijing na China, a bancada feminina no congresso mundial propôs assegurar uma cota de vagas de cada partido político às mulheres. No Brasil, a lei 9.100 foi criada para oferecer apoio às mulheres na política, obrigando que 20% dos representantes políticos fossem mulheres; em 1997 esse número de cotas passou para 30%. A iniciativa foi aceita e contou com o ‘apoio masculino’ e favoreceu a mulher. Alguns seminários foram feitos nos partidos para sua iniciação na política e disputas eleitorais. Nesses Seminários, as mulheres candidatas e eleitas se reúnem para trocar experiências e para obter melhor qualidade no desempenho de suas funções.

O pequeno envolvimento das mulheres nos partidos políticos, refletem a permanência de uma sociedade sexista e patriarcal, onde a cultura insiste em determinar o lugar da mulher no espaço doméstico, afirmando o medo que a sociedade tem de deixar a mulher crescer e administrar os variados âmbitos da sociedade.

Segundo a deputada Federal Miriam Reid (PDT- RJ), esta situação é mais comum do que imaginamos e ainda prevalece intrínseca em nossos lares.

"(...) na eleição passada quando fui candidata a Prefeita, um homem abordou-me e falou que votaria em mim todas as vezes que eu fosse candidata a Vereadora e a Deputada, mas à Prefeita, de jeito nenhum. Perguntei-lhe o porquê daquela decisão. Ele falou que, **se uma mulher mandasse na cidade, sua esposa ia querer mandar nele dentro de casa** (Risos)".

METODOLOGIA

Neste estudo entrevistou-se 5 homens, residentes na cidade de Camboriú, que possui como municípios limítrofes as cidades de Balneário Camboriú, Brusque, Canelinha, Itajaí, Itapema Porto Belo e Tijucas. Possui população aproximada de 62.289 segundo senso do IBGE/ 2010 e fica localizada aproximadamente a 90 km da capital do estado, Florianópolis.

Os entrevistados, na faixa etária de 25 anos, foram selecionados aleatoriamente no bairro onde moramos, sendo três casados com mulheres que trabalham em empregos formais, e dois deles solteiros com namoradas que também trabalham fora de casa. As entrevistas foram realizadas na primeira semana de outubro de 2015. As questões Ética/Bioéticas foram respeitadas, garantindo o anonimato e mediante o CIE (Consentimento Informado e Esclarecido). As entrevistas realizaram-se em um encontro de grupo focal com questões semiestruturadas, em local de fácil acesso para os entrevistados. O grupo focal foi gravado e em seguida transcrito na íntegra e analisado. No encontro, enfocamos temas como:

- 1) **A visão sobre o trabalho da mulher:** abordamos as visões dos entrevistados sobre as mulheres que trabalham fora, e a questão da participação masculina no trabalho doméstico.
- 2) **Formas de trabalhar de homens e mulheres:** abordamos a questão de trabalho e gênero, competências masculinas e femininas para desenvolver variados tipos de trabalho.

- 3) **Divisão dos afazeres domésticos e filhos:** neste tópico abordamos a questão doméstica e o cuidado com os filhos.
- 4) **Orçamento familiar:** neste tópico discutimos a questão financeira, qual é o procedimento no sustento da casa.
- 5) **Participação na vida pública:** neste tópico discutimos a opinião masculina sobre política e sua percepção sobre quais os fatores da baixa participação feminina na política.
- 6) **Violência contra a mulher:** neste tópico discutimos o crime passional, estupro, agressões e *bullying* entre as variadas formas de abuso sofrido pelas mulheres.

Após, cotejamos os dados colhidos na entrevista com a teoria pertinente. Por fim, elaboramos algumas considerações à guisa de conclusão.

PERFIL DOS ENTREVISTADOS E RESULTADOS PARCIAIS.

PSEUDÔNIMO	IDADE	ESTADO CIVIL	PROFISSÃO	FILHOS
(A)	25	CASADO	CAMINHONEIRO	2
(B)	20	CASADO	ENTREGADOR	0
(C)	16	NAMORANDO	ESTUDANTE	0
(D)	23	NAMORANDO	SUSHIMAN	0
(E)	43	CASADO	CASEIRO	2

1) A visão sobre o trabalho da mulher

Esta etapa engloba a percepção dos entrevistados sobre o trabalho feminino remunerado e a participação masculina no trabalho doméstico.

Para todos os entrevistados, a mulher busca a independência financeira, inclusive dos maridos e/ou namorados. Elas querem conquistar seu espaço em diversas áreas dos campos profissionais. Como afirma o entrevistado C, “Eu acho legal, a mulher lutou tanto por seus direitos, quando eu assumir uma união com ela eu gostaria que ela continuasse trabalhando”.

Nas entrevistas, ficou explícito que os entrevistados apoiam que suas companheiras exerçam trabalho fora de casa, e muitos deles afirmam que possuem o atual estilo de vida graças à participação feminina no orçamento doméstico.

Essa afirmação é ratificada na fala do entrevistado A:

“Desde que eu conheço minha esposa, ela trabalha fora de casa, eu admiro mulheres com esse tipo de comportamento, acredito, que o casal só consegue adquirir bens se ambos trabalharem e tiverem renda, sem isso, fica difícil construir o capital, ou melhorar de vida.”

O entrevistado E enfatiza:

“Olha, acho bem difícil, que na situação, em que o país se encontra uma família sem que a mulher exerça função remunerada. A ajuda da mulher é fundamental, principalmente na famílias de classe média e baixa.”

O entrevistado B concorda com os demais:

“Eu acho muito importante, nem que seja para que ela possa comprar as coisinhas delas, mulher precisa de muita coisa. (risos)”

Quanto a participação masculina no trabalho domiciliar, todos afirmam que ‘auxiliam’ (grifos nosso) suas companheiras. O entrevistado E alega fazer todas as tarefas sem reclamar. Os entrevistados A e D, afirmam gostar da casa em ordem e não se incomodam em ‘ajuda-las’ com os afazeres. Os entrevistados B e C, alegam que ‘ajudam’ somente quando elas solicitam e se podem, deixam para depois.

Percebemos que respostas como ‘eu ajudo’, ‘eu não ajudo muito’, ou, ‘faço quando a mãe, mulher, pede’, pois ele ‘ajuda’, não faz para a família... ajuda a ela. Esses termos denotam que a atividade do lar na concepção do ‘novo homem’, mais aberto e solidário, permanece a visão de que é ‘natural da mulher’ as tarefas domésticas, e que sua função é de ser o provedor da casa.

No entanto, percebemos em outras falas respostas que denotam que o novo homem nasceu sim e parece que veio para ficar: “Gosto da casa organizada, então ajudo sempre. Ajudo até demais”, afirma o entrevistado D. Orgulhoso, o entrevistado E afirma “Faço todas as tarefas domésticas”. Ou seja, mesmo quando o homem faz tudo, permanece a ideia de que está ajudando, pois ‘ajuda até demais’, e não, assumindo tudo, porque no momento é o que pode, ou mesmo porque quer, ou porque necessita que alguém faça.

Por um lado, o acúmulo de trabalhos das mulheres pode ser entendido não só como a ‘naturalização’ da atribuição dos trabalhos domésticos femininos, mas também, como um fenômeno articulado a uma prerrogativa masculina que facilita a ausência dos homens nessas mesmas atividades (Hirata, 1995)

Como afirma Nolasco 1993:

“Hoje, a situação é bem diferente: poucos homens conseguem se manter no lugar de provedor exclusivo da família, que em geral não pode abrir mão do salário da mulher para custear boa parte das despesas com escola, planos de saúde, supermercado ou outros itens do orçamento doméstico, como no caso das classes médias urbanas. (NOLASCO,1993)

Percebe-se a mudança no estilo de vida dos casais, todos estão exercendo funções antes designadas somente de homens ou mulheres. Porém, para muitos homens é difícil admitir que estão inseridos nesta nova era e que dependem das mulheres para manter o sustento da casa, e principalmente que também são responsáveis no cuidado com os filhos, tanto na fase inicial, na educação, quanto nos afazeres e na manutenção da casa.

2) Divisão das responsabilidades com os filhos.

Esta categoria abrange os arranjos que são feitos na manutenção da casa e a divisão dos cuidados com os filhos. Os entrevistados B, C e D não possuem filhos, porém relatam que quando tiverem **ajudarão** suas companheiras. Sobre a dificuldade em cuidar dos rebentos o entrevistado D afirma: “No início, acho que é difícil nos primeiros meses, mas depois vou ajudar. ” Percebe-se o medo de lidar com os recém-nascidos devido a fragilidade dos bebês e a insegurança dos homens ao lidar com coisas frágeis e delicadas.

O entrevistado A possui dois filhos e admite:

“É difícil administrar duas crianças ao mesmo tempo, então **ajudo** bastante, só não gosto de trocar a fralda do bebê que está para completar quatro meses. Tenho medo de machucar, mas tento ser bem participativo para **auxiliar** minha esposa. **Ajudo** coma mais velha, dou banho, faço dormir, brinco com ela enquanto minha esposa dá assistência ao menor.

O entrevistado E afirma: ‘É muito importante que ambos se ajudem, sempre fui um bom pai. Ela não tem do que reclamar’.

Novamente os verbos “auxiliar” e “ajudar” são muito utilizados. Sugerindo assim, que os próprios homens se julgam incapazes em realizar as tarefas ditas femininas sem que elas estejam por perto para verificar se está tudo do gosto delas.

3) Trabalhos para as mulheres

Este setor abrange o olhar dos entrevistados sobre as profissões para as mulheres. Os entrevistados foram unânimes ao dizer que todas as mulheres podem exercer o trabalho que desejarem, entretanto, afirmam que os trabalhos que exigem força são difíceis para elas devido ao peso. O entrevistado A afirma que existe o preconceito ainda sobre as mulheres em algumas profissões

“Tem coisas que as mulheres não conseguem fazer, ou seja, quando o trabalho é pesado e exige força. Mas as mulheres são muito competentes, e realizam as tarefas tão bem quanto os homens.”

Segundo Nolasco (1993) “no trabalho, frequentemente, os homens disputam com as mulheres que desempenham as mesmas tarefas e funções tão bem ou até melhor do que eles.”

A nova mulher é destemida, corajosa e ambiciosa, desmistificando a ideia do sexo frágil. Se ela tem um objetivo, faz de tudo para que ele possa ser alcançado. Muitas vezes para não abrir mão da sua escolha profissional, e poder sentir o gosto da realização pessoal e ter uma vida conjugal ao mesmo tempo “são elas quem, em muitos casos, assume um verdadeiro “duplo turno” de trabalho (Hochschild e Machung, 1989).

Outro ponto importante consiste na capacidade do trabalhador masculino, no âmbito doméstico, de realizar uma clara distinção (espacial e temporal) entre o seu trabalho autônomo e o do domicílio, conseguindo preservar sua vida profissional, mesmo quando a exerce em casa. Portanto, os homens que trabalham em casa parecem não deixar que as demandas do lar interfiram em sua atividade profissional. Embora sua maior permanência em casa favoreça sua aproximação

com os filhos e a moradia, sua participação nos trabalhos domésticos caracteriza-se por uma relação mais distanciada e menos envolvida, em comparação com mulheres que também desenvolvem atividades profissionais autônomas em casa (Bruschini; Ridenti, 1995)

Em contra-partida, após o nascimento dos filhos, muitas mulheres abandonam a vida profissional e se dedicam ao lar e em troca recebem o olhar de desaprovação quando dizem que são donas de casa. Neste mesmo contexto, lembramos que o homem também sofre preconceito se em conjunto decidem que ele vai exercer a função de administrar o lar e a mulher de trabalhar fora mostrando que o trabalho doméstico é desvalorizado e passa a imagem de que a pessoa não faz nada.

Para esclarecer a dificuldade na mudança de identidade de alguns homens Elder (2005) afirma:

“O homem não pediu para ter seus papéis redefinidos, o que explicaria, em parte, sua relutância em mudar. O que antes definia um bom marido - ser um provedor, protetor, independente, objetivo, racional - hoje não é mais suficiente, uma vez que as mulheres querem também um confidente, uma alma gêmea e alguém que divida, em condições de igualdade, as cargas da vida doméstica. Curiosamente, o modelo de masculinidade do passado conduz, hoje, à perda do afeto das mulheres (FARREL, *apud* ELDER, 2005).

O entrevistado A também salienta que o tratamento com as mulheres é diferenciado: “Quando tem mulher por perto o tratamento é melhor, mais sofisticado. Mulheres merecem respeito e devem ser tratadas com todo respeito do mundo. ”

4) Violência contra a mulher

Esta etapa é reservada à questão da violência contra as mulheres. Para enfrentar a violência extrema contra as mulheres, o Brasil obrigou-se a promulgar a Lei Maria da Penha que define a violência doméstica e familiar contra a mulher como:

(...) qualquer ação ou omissão baseada no gênero que lhe cause morte, lesão, sofrimento físico, sexual ou psicológico e dano moral ou patrimonial: I - no âmbito da unidade doméstica (...) II - no âmbito da família (...) III - em qualquer relação íntima de afeto, na qual o agressor conviva ou tenha

convivido com a ofendida, independentemente de coabitação (Brasil, 2006, p. 1 e 2)

A partir desta compreensão todos os entrevistados abominam este tipo de comportamento e acreditam que se as punições fossem mais severas estas agressões diminuiriam e as mulheres estariam mais seguras. O entrevistado C, lembra uma situação bem frequente:

“Muitos homens fazem isso pra provar que são machos. Usam a força para mostrar poder. ” E utilizam dessa ferramenta para desmoralizar suas companheiras e diminuí-las perante a sociedade.

Outro fator relatado pelos entrevistados é que as mulheres ficavam caladas e por muitas vezes ainda ficam e aguentam sozinhas este fardo. O entrevistado D relembra:

“As mulheres têm medo de procurar ajuda. O máximo que vai acontecer é fazerem uma liminar de distância para o agressor, mas não a protegem ou fazem escolta para garantir segurança. Inúmeros casos de assassinato já foram detectados e nada muda neste país. ”

Como apontado por Wiewiorka (2006), e Minayo, (2005):

“As diferentes formas de violência, assim como as suas representações, não podem ser encaradas como fenômenos a -históricos e destituídos de subjetividade. Por meio desse olhar, torna -se possível a compreensão da complexidade das violências e como as suas diferentes formas são ora toleradas e ora condenadas, de acordo com momentos históricos e diferentes circunstâncias. (WIERVIOKA, 2006 e MINAYO, 2005).

A Organização das Nações Unidas afirma: “A violência contra as mulheres persiste em todos os países do mundo como uma violação contundente dos direitos humanos e como um impedimento na conquista da igualdade de gênero (ONU, 2006). Reconhece também que esta forma de tratamento é um problema de saúde pública, de modo que prejudica emocionalmente, fisicamente a integridade das mulheres. Prejudicando a qualidade de vida em muitas famílias ao redor do mundo.

O entrevistado A afirma: “Acredito também que se as delegacias de proteção às mulheres estivessem melhores preparadas para recebê-las, o número de procura seria muito maior.” Além do mais muitas sofrem agressões psicológicas ao se direcionarem às delegacias em busca de ajuda, são alvo de piadas, entre outros.

Sobre as intervenções direcionadas à prevenção e atenção da violência, Saffioti (2004) aponta:

As pessoas envolvidas na relação violenta devem ter o desejo de mudar. É por esta razão que não se acredita numa mudança radical de uma relação violenta, quando se trabalha exclusivamente com a vítima. Sofrendo estas algumas mudanças, enquanto a outra parte permanece o que sempre foi mantendo seus *habitus*, a relação pode, inclusive, tornar-se ainda mais violenta. Todos percebem que a vítima precisa de ajuda, mas poucos vêm esta necessidade no agressor. As duas partes precisam de auxílio para promover uma verdadeira transformação da relação violenta (2004, p. 68).

Nesse sentido, o Laço Branco, campanha coordenada pela Rede de Homens pela Equidade de Gênero (RHEG), constituída por um conjunto de organizações não-governamentais (ONG) e núcleos acadêmicos que tem por objetivo sensibilizar, envolver e mobilizar os homens em ações pelo fim de todas as formas de violência contra a mulher. Em linhas gerais, são desenvolvidas estratégias de comunicação e ação política voltadas a homens de diferentes idades e em diferentes contextos, bem como palestras, ações comunitárias e distribuição de material alusivo à campanha em atos públicos. A Campanha adotou como lema a frase “Jamais cometer um ato violento contra as mulheres e não fechar os olhos diante dessa violência.”

Ao falar sobre esta temática, compartilhamos do olhar de Minayo (1994) de que a violência é um complexo fenômeno biopsicossocial, passível de compreensão apenas dentro da especificidade histórica, já que “na configuração da violência se cruzam problemas da política, da economia, da moral, do direito, da psicologia, das relações humanas e institucionais, e do plano individual” (1994, p. 7).

De acordo com Medrado e Lyra (2003), para compreender a violência de homens contra as mulheres a partir da perspectiva de gênero, é preciso incluir análises sobre os processos de socialização masculinas e os significados de ser homem em nossa sociedade, na qual são educados para reprimir suas emoções, sendo a agressividade, incluindo a violência física, formas geralmente aceitas como marcas ou provas de masculinidade.

5) Participação na Política

Esta etapa aborda a participação feminina na esfera pública. Os entrevistados acreditam no potencial feminino quanto à administração do país, porém, estão deslocados devido à crise financeira que o país está passando.

“As mulheres são muito competentes pena que a chance de provar isso está sendo desperdiçada pela nossa presidenta. As mulheres têm ótimas ideias, são inovadoras, corajosas, destemidas. Acho que elas devem se interessar mais pela política.”

O entrevistado B sugere:

“Apesar da política ser difícil de acompanhar, seria uma das formas de que elas alterassem as leis em benefício às mulheres, como por exemplo: salário maternidade, direito à creche, já que essa é uma luta sem fim. Muitas crianças ficam anos na fila de espera.”

Em defesa ao que o entrevistado A fala, o entrevistado E revida:

“Não podemos julgar somente a presidenta pelos acontecimentos e pela crise, o país sempre está tendo que lutar para superar crises e roubalheiras dos nossos representantes que não são punido. É uma pena que tudo isso esteja acontecendo bem na época em que a mulher está no comando.”

Podemos observar que um dos fatores para a pequena participação das mulheres na esfera pública é que a política ainda é vista como “coisa de homem”, e que as mulheres não se interessariam por estarem ocupadas com a vida privada, a esfera doméstica e a maternidade. Tampouco podemos esquecer que sua credibilidade política se extingue devido a sensibilidade, submissão excessiva que julgam ser características inatas das mulheres e que ao ingressar na política são denominadas masculinizadas e sofrem julgamentos desagradáveis, do tipo: “mulher com atitude é histérica e desaforada” (*Carta Capital*, 21/02/2007). Até mesmo, muitos afirmam que as mulheres só conseguem participar da vida pública graças ao prestígio político dos seus maridos. Além de estereotipar as candidatas levando sempre para o lado da sexualidade, das dietas, da maternidade.

Como afirma a prefeita Wilma Farias

“Hoje, as mulheres sabem que, para serem notadas, precisam não só de competência intelectual e profissional, mas ainda que sejam mais arrumadas e mais bonitas que o homem. As mulheres precisam estar sempre bem vestidas, têm de ser boas mães e boas esposas, enfim, cumprirem coisas que contam para ser consideradas dignas”. (Prefeita Wilma Farias ³/₄ PSB/Natal/RN)

Esses exemplos evidenciam a diferente maneira de classificar os gêneros, dando relevância às referências a casamento, maternidade, roupas e dietas no caso das mulheres. E para eles transcrevem-se representações da masculinidade que exclui, de maneira significativa, a vida familiar e afetiva, valorizando extremamente a questão profissional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Observa-se que todos os entrevistados valorizam as mulheres que buscam sua independência financeira. No entanto, percebe-se que mesmo com a entrada das mulheres no mercado de trabalho em variados setores, seu trabalho e identidade permanecem referido ao da casa, ao da maternidade e ao do cuidar dos outros.

Nota-se que mesmo quando o homem exerce função remunerada em casa, o que o aproxima dos filhos, não deixam que as demandas do lar interfiram em sua atividade remunerada, tampouco se envolvem com os afazeres domésticos em comparação com as mulheres quando desenvolvem atividades autônomas em casa. Reforçando a ideia de que a presença masculina é somente uma ajuda.

Para finalizar sobre a participação política, observam que é importante e que através dela muito mais pode ser conquistado e garantido para a mulher e que se as leis forem justas para as mulheres serão boas e justas para todos.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO. Clara. **Mulheres e Representação Política: a experiência das cotas no Brasil.**

BIROLI. Flávia. Mulheres e política nas notícias: **Estereótipos de gênero e competência política.** *Women and Politics in the News: Gender Stereotypes and Political Competence* p. 45-69

BIROLI. Flávia. **Mulheres e política nas notícias: Estereótipos de gênero.** LIMA, Daniel Costa. BÜCHELE, Fátima. DE ASSIS, Danilo. **Homens, Gênero e Violência Contra a Mulher Men, Gender and Violence against Women.** Saúde Soc. São Paulo, v.17, n.2, p.69-81, 2008

BRASIL. **Lei 11.340 (Maria da Penha)**, de 7 de agosto de 2006. Cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher, nos termos do § 8º do art. 226 da Constituição Federal. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 8 ago. 2006. Disponível em :Acesso em: 14/out/2015.

BRITO, J.; OLIVEIRA, S. **Divisão sexual do trabalho e desigualdade nos espaços de trabalho.** In: SILVA FILHO, J.F.; JARDIM, S. (Org.). *A danação do trabalho – organização do trabalho e sofrimento psíquico.* Rio de Janeiro: Te Cora, 1997. p.245-263.

BRUSCHINI, M.C.A; RIDENTI, S.G.U. **Trabalho domiciliar masculino.** *Estudos Feministas*, Rio de Janeiro, IFCS/UFRJ, v.3, n.2, p.363-392, jul./dez. 1995.

ELDER, S. (2005). **The emperor's new woes.** *Psychology Today*, 38 (2), 40-46.

GOMES, A. J. S., & Resende, V. R. (2004). **O pai presente: o desvelar da paternidade em uma família contemporânea.** *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 20, 2, 119-125.

GROSSI. Míriam Pillar. MIGUEL. Sônia Malheiros. **Transformando a diferença: as mulheres na política.** *Rev. Estud. Fem.* vol.9 no.1 Florianópolis 2001

HIRATA, H.; KERGOAT, D. **La division sexuelle du travail revisitée.** In: MARVANI, M. (Org.). *Les nouvelles frontières de l'inégalité.* Paris: La découverte, 1998. P.93-104.

HOCHSCHILD, Arlie e MACHUNG, Anne (1989), **the Second Shift.** New York, Avon Books.

MEDRADO, B.; PEDROSA, C. **Pelo fim da violência contra as mulheres, um compromisso também dos homens.** Brasília, DF: AGENDE, 2006.

MINAYO, M. C. de S. **Violência: um problema para a saúde dos brasileiros.** In: BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. *Impacto da violência na saúde dos brasileiros.* Brasília

MINAYO, M. C. de S. **A Violência social sob a perspectiva da Saúde Pública.** *Cadernos de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 10, p. 7-18, 1994. Suplemento.

NOLASCO, S. (1993). **O mito da masculinidade.** Rio de Janeiro: Rocco.

OLIVEIRA, B.G.R.B.; PEREIRA, A.L. **Mulher = Enfermeira X Enfermeira = Mulher. Eis a questão.** *Rev. Alt. Enf.*, v. 1, n. 4, p. 4-13, 1997.

ONU - ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Indepth study on all forms of violence against women.** New York, 2006. Disponível em: Acesso em: 20 jun. 2007

SAFFIOTI, H. **Gênero, patriarcado, violência.** São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004

TEYKALI. M. Carolina. COUTINHO. R. Maria Lúcia. **O homem atual e a inserção da mulher no mercado de trabalho.** v. 38. N 3. pp. 262-268- set- dez. 2007 PSICO 40 anos.

WANG, May-Lin. JABLONSKI, Bernardo. MAGALHÃES, Andréa Seixas. **Identities masculinas: limites e probabilidades. Male identities: limits and possibilities.** *Psicol. rev.* (Belo Horizonte) v.12 n.19 Belo Horizonte jun. 2006 *Psicologia em Revista* versão impressa ISSN 1677-

WELZER -Lang, D. (2001). **A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia.** *Revista de Estudos Feministas*, 9, 2, 460-482.

WIEVIORKA, M. **Violência hoje**. Ciência & Saúde Coletiva, Rio de Janeiro, v. 11, n. 1, p. 1147-1153, 2006.

www.lacobranco.org.

www.sintrajud.org.br

www.brasil.gov.br/cidadania-e-justica/2012/02/mulheres-na-politica

ANEXO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Convidamos o Sr. para participar de uma pesquisa intitulada **Mulher: Faces da Mesma História**, que objetiva **a valorização feminina e a participação ativa na política**, desenvolvida como Trabalho de Conclusão do Curso de **Especialização em Gênero e Diversidade na Escola** da **Universidade Federal do Paraná**, sob orientação da Profa. **Nadia Terezinha Covolan**. Consideramos que sua participação será de extrema importância, uma vez que **essa pesquisa possibilitará entender o olhar masculino em relação à nova mulher que está buscando expandir suas possibilidades como ser profissional sem abrir mão da qualidade da família**. Gostaríamos de acrescentar que todos os cuidados éticos serão respeitados, principalmente o que concerne ao seu anonimato, confidencialidade e ao sigilo das informações que o Sr. nos prestar. Os dados serão armazenados em local próprio, com acesso realizado apenas pelas pesquisadoras. Os resultados do estudo poderão ser publicados em eventos/periódicos de cunho científico, sempre sem a identificação dos participantes. Realizaremos na primeira semana de outubro de 2015, em encontro de grupo focal com questões semiestruturadas, para garantir entrevista em profundidade, em um fim de semana

em minha casa, local de fácil acesso e encontro para os entrevistados. Eu irei cotejar os dados colhidos na entrevista com a teoria pertinente, dados estes que serão gravados e em seguida transcritos na íntegra e analisados por mim. A participação nesse estudo é voluntária e, caso o Sr. Aceite participar, ainda assim, poderá desistir a qualquer momento sem qualquer consequência ou prejuízo. A participação na pesquisa não terá nenhum custo financeiro.

Estou suficientemente esclarecido e dou consentimento para participar da pesquisa e, por isso, assino a seguir.

Local: Camboriú

Data: Outubro de 2015

Assinatura do Participante

NOME

Assinatura do(a) Pesquisador(a)

NOME: Édina Tomazini

ATENÇÃO!

COLETAR ASSINATURAS DO(A) PESQUISADOR(A) E DO(A) PARTICIPANTE.

UMA DAS VIAS FICARÁ COM O(A) PARTICIPANTE E A OUTRA COM O(A)

PESQUISADOR(A)